



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES

PRESIDENTE: EDIR SALES

5ª AUDIÊNCIA PÚBLICA DO PL 127/2023

LOCAL: CEU Três Lagos – Rua Maria Moura da Conceição, s/n – Jd. Belcito

DATA: 11-05-2023

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Na qualidade de Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esportes, declaro abertos os trabalhos desta audiência pública, convocada para debater o PL 127/2023, do Executivo, que dispõe sobre a revisão intermediária do Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, aprovado pela Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014, nos termos da previsão de seu art. 4º.

Informo que esta reunião está sendo transmitida pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br no *link* Auditórios On-line, também no YouTube e no Facebook da Câmara Municipal de São Paulo.

Convido o representante da Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras, Sr. Luiz Rebouças de Carvalho Júnior, para compor a Mesa. Obrigada pela presença.

Convido também para compor a Mesa os Srs. Ricardo Pradas, representante da Secretaria Municipal de Mobilidade e Trânsito. Obrigada pela presença.

Quero começar agradecendo o CEU Três Lagos, que acolheu a nossa audiência pública da Comissão de Educação, Cultura e Esportes. É muito importante um equipamento público como o CEU abrir as portas para a gente poder fazer esta audiência, esse diálogo com a população, poder receber vocês aqui. E eu queria agradecer a toda a equipe do CEU Três Lagos, na pessoa da Sra. Ivani, que é gestora desse equipamento. Aqui está acontecendo, ao mesmo tempo, uma série de atividades. Então, é muito importante que a gente ocupe espaços como os do CEU.

Quero também agradecer aos professores presentes do CEU, principalmente da EJA, que têm feito um trabalho magnífico no ensino, na educação de jovens e adultos e nesse trabalho de ampliação, de acesso, de democratização do ensino. A gente sabe como muitas pessoas não conseguem ter acesso ao ensino fundamental, não conseguem terminar os estudos, e a EJA é uma nova oportunidade e eu tenho certeza de que essas pessoas estão, de fato, aproveitando essa oportunidade. Então, além de saudar os professores e professoras presentes, eu quero saudar também a galera do EJA, que está fazendo a diferença nesta audiência.

Agradeço toda a equipe da Câmara Municipal de São Paulo, o Rafael e todo mundo que faz esta audiência ser possível não apenas na Câmara, mas aqui no território junto a vocês. A gente fala que a Câmara Municipal, onde estão os Vereadores e as Vereadoras, é a Casa do Povo; mas a gente sabe que a política, muitas vezes, não está próxima das pessoas. Então, fazer audiências públicas da Câmara Municipal, estar nos bairros, é muito importante para a gente mudar a história da nossa cidade e do nosso país. Então, agradecer muito a equipe da Câmara por organizar toda essa estrutura, também agradecer ao pessoal da GCM que faz a segurança lá e que está sempre com a gente.

Também quero agradecer a presença das Secretarias de Infraestrutura Urbana e Obras; e de Mobilidade e Trânsito.

Registro a presença do Vereador Celso Giannazi. Eu me chamo Luna Zarattini e sou Vereadora da cidade de São Paulo.

Quero iniciar fazendo uma apresentação muito rápida do que se trata esta audiência, mas principalmente dizer que a gente veio para ouvir vocês.

Então, junto ao Vereador Celso Giannazi, vou fazer uma breve introdução para ouvir vocês e depois conseguir fazer esse fechamento.

Ninguém precisa ir embora correndo, porque tem transporte gratuito com destino ao Terminal Grajaú no dia de hoje, porque a gente quer garantir, de fato, a participação popular de todos e todas aqui.

Bom, gente, eu acabei de assumir como Vereadora na Câmara Municipal de São Paulo. Eu fiquei como quarta suplente na última eleição, em 2020, e agora com a eleição de alguns Vereadores a gente assume a suplência e hoje estou como Vereadora eleita. Faço parte da Comissão de Educação, Cultura e Esportes e também presido a Comissão de Direitos Humanos e Cidadania da Câmara e a gente tem feito um trabalho árduo para fazer um debate nas periferias de como a gente pode melhorar a vida da população, como a gente pode tornar a política um espaço mais participativo e como a gente pode ter a presença de vocês no nosso dia a dia.

Então, a Comissão de Educação, Cultura e Esportes tem trabalhado arduamente para a gente poder fazer a melhoria das nossas escolas, a melhoria da merenda, a melhoria da estrutura, a valorização dos professores, das professoras, dos servidores. É um trabalho grande que a gente tem ali na Câmara, e eu sou a mais jovem nessa legislatura. Então, é um prazer conhecer vocês. O nosso mandato está aberto, à disposição de todas as demandas.

Esta audiência pública é sobre o Plano Diretor Estratégico. Explicando rapidamente para vocês, o Plano Diretor Estratégico é um instrumento que discute o crescimento e o desenvolvimento da cidade. Como a gente vai pensar o desenho da nossa cidade daqui para os próximos anos?

A gente está passando por um processo de revisão desse Plano Diretor, do que deu certo e do que deu errado, na qual a gente está discutindo infraestrutura para as periferias, os equipamentos públicos, desde UBSs, escolas, espaços de acolhimento, enfim, todos os equipamentos públicos na nossa cidade. Como a gente pode, a partir do Plano Diretor, melhorar a vida da população? Como a gente pode, de fato, combater as desigualdades sociais? Como a gente pode pensar melhorias na educação, na cultura, na mobilidade, na saúde? É uma série de questões que permeiam a nossa vida e que a gente precisa discuti-las.

O Plano Diretor são essas diretrizes que indicam isso. Por isso, ouvir vocês é a parte mais importante da revisão do Plano Diretor. Sem a participação popular, sem o povo, a gente sabe que não há nenhum tipo de democracia. Então, viemos para ouvir as demandas da região. Sintam-se à vontade para falar. A gente é funcionário do povo e eu vou anotar tudo. Esse Plano vigorará até 2029. Então, é importantíssimo o que a gente está fazendo aqui.

Percebendo que o Plano não estava tendo muita participação popular, porque a gente não estava fazendo audiências públicas nos territórios, a gente fez questão de falar na nossa Comissão: “Queremos estar nos bairros”; “queremos estar na zona Sul”; “queremos estar no Grajaú”, porque aqui tem gente trabalhadora, de luta, que quer discutir a cidade, que está interessada. Por isso, a gente está nesta sala cheia, à noite, com um monte de gente querendo debater e pensar a cidade.

Parabéns a todos vocês. Agradeço a presença de todos.

As inscrições estão abertas.

Passo a palavra ao Vereador Celso Giannazi.

O SR. CELSO GIANNAZI – Boa noite a todas. Boa noite a todos.

É um prazer enorme estar com vocês. A nossa Presidente da Comissão de Educação, Cultura Esportes Luna falou um pouco sobre qual é a nossa intenção de estar aqui com vocês hoje. Quero cumprimentar os representantes das secretarias.

Olha só, antes de começar, a Vereadora Luna é nova, ingressou agora na Câmara Municipal, mas já tem um trabalho grande lá na Câmara Municipal, de batalha, e está conosco lá na Comissão de Educação, Cultura e Esportes. E ela nos ajudou. Fizemos essa batalha de fato para que a audiência pública fosse realizada no território, porque tem muitas audiências públicas acontecendo lá na Câmara Municipal, num horário em que ninguém pode participar, às três da tarde, às cinco da tarde, quando todo mundo está nas suas atividades, trabalhando, e não conseguem participar. E é muito importante que a população do território participe, porque esse Plano Diretor é um projeto de lei que foi aprovado lá em 2014, no Governo Haddad, foi discutido, foi amplamente discutido, com muitas audiências públicas, com muita participação popular, foi um projeto importante; e agora ele precisa de uma revisão. Nós estamos nesse momento na revisão do Plano Diretor.

Plano Diretor é isso que a Vereadora Luna acabou de dizer: é um projeto que mexe com a nossa cidade, planeja a nossa cidade, como nós queremos a nossa cidade, [como, por exemplo], na questão do trânsito, problema eterno.

Eu sou nascido aqui, no Jardim Primavera, sou da Zona Sul. E eu conheço a Rua Belmiro Marin. Conhecemos todo esse trânsito, toda essa angústia que é o transporte, a mobilidade, que está envolvida nesse projeto também.

Queremos discutir a mobilidade, queremos discutir a saúde na nossa região.

Eu vi várias pessoas do Cocaia aqui, alunos da EJA que estão presentes, educadores e educadoras presente. Queremos discutir as unidades escolares. Queremos saber por que a

Prefeitura não tem um projeto de ampliação das salas da EJA, que é muito importante.

Vocês estarem aqui é uma demonstração de luta, de resistência, porque a EJA é um módulo de educação para jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de estudar no ensino regular, numa idade regular, numa idade própria – na verdade, não existe idade própria; idade própria é quando vocês querem estudar.

O acesso à educação por jovens e adultos não é um favor, é um direito constitucional garantido na Constituição Federal. Vocês têm esse direito. E nós precisamos que tenham mais salas de EJA aqui na região, mais escolas, mais UBSs, mais moradias de interesse social. Precisamos de um projeto que permita que as pessoas tenham um lar na região sul, porque, quando se atravessa a ponte para cá, é outra política – o recurso não chega, é tudo mais difícil.

É muito importante que vocês tragam a essa audiência as demandas do bairro, façam toda as colocações, porque, com base nessas demandas que vocês nos trazem, as reclamações e as sugestões, nós vamos brigar para que elas sejam colocadas nesse projeto de lei, que é a revisão do Plano Diretor, para que tenhamos uma cidade mais justa, mais igualitária e melhor de se viver.

Parabéns pela presença de vocês.

Que tenhamos uma audiência pública, de fato, transparente e democrática, com a participação da população. E, depois, a nossa luta na Câmara Municipal é ampliar – porque eles estão ouvindo a população, mas eles querem votar o projeto na semana que vem. E não dá. Isso não é possível. Precisamos pegar as sugestões, as demandas que vocês vão trazer, estudar, colocar no projeto, para, depois, lá na frente, conseguirmos votar esse projeto. Então, é importantíssima a participação de vocês. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Muito obrigada, Vereador Celso Giannazi. É muito importante a presença dos Vereadores no bairro.

Queria passar as falas para vocês, para discutirmos quais investimentos precisamos na região, mobilidade social, saúde, educação, cultura, para podermos, de fato, fazer essa discussão lá na Câmara. A batalha acontece em várias etapas. Então, estamos ouvindo vocês

para levarmos essas demandas para a Câmara e fazermos o enfrentamento na discussão do Plano Diretor, para que reflita o que vocês querem, o que vocês desejam, o que vocês têm lutado muito.

De novo, saudar a EJA, presente aqui, com a sua história de resistência, de luta. E vamos fazer esse enfrentamento para a ampliação da EJA, para o fortalecimento da EJA, porque sabemos que uma pessoa, quando começa a estudar, o mundo começa a acontecer e a história começa a rodar e nós começamos a ter uma transformação social fundamental.

Vou passar a palavra à primeira inscrita, a Sra. Maria José, moradora do Grajaú, e que tem uma história de vida maravilhosa. Eu tenho muito orgulho de estar construindo junto.

A SRA. MARIA JOSÉ DOS SANTOS – Boa noite à Mesa. Boa noite a todos os presentes.

Agradeço a presença de todos e de todas que estão aqui para falar desse assunto que é tão importante. E essa importância eu descobri através da EJA, do ensino. Eu costumo dizer que existia um compartimento que estava fechado na minha cabeça, na minha mente, e que agora está se abrindo através do ensino mesmo.

Eu quero agradecer a todos os meus professores. Quero agradecer muito mesmo o acolhimento, a boa-vontade que eles têm conosco, a compreensão de saber que muitas das vezes chegamos atrasado na escola por estar trabalhando, por estar fazendo um bico. E nós sabemos, como o Vereador falou, a dificuldade que é pegar um transporte público no Centro para chegar até aqui – nós nos cansamos mais no trajeto do que no próprio trabalho. E os professores são muito compreensivos conosco. Eu não tenho muito o que dizer, só gratidão.

Falar da educação é entender que nós temos direito a tudo e podemos ser o que nós quisermos. Mas só sabemos disso depois que estudamos, depois que aprendemos alguma coisa.

Eu sou muito feliz e grata a todo mundo, e, principalmente, a Deus, por estar aqui, depois de ter passado tantas coisas desagradáveis na vida, depois de ter morado na rua. Hoje em dia, eu estar aqui é só gratidão mesmo. E saber que tem pessoas iguais a vocês, e a tantos

outros, que lutam em prol da educação, em prol do saneamento básico, que não temos.

As ruas dos nossos bairros só têm buraco. Andamos e é buraco. Os carros quebram toda hora, e também não tem dinheiro para comprar peça. Faixa de pedestre também não tem. Semáforo também não tem. Medicamento nas UBS também está em falta – não tem dipirona nas UBSs.

Se eu fosse relatar todas as coisas que eu vejo de errado nas nossas periferias, e não só na Zona Sul, eu ficaria a noite inteira. Mas, como eu sei que tem muita gente para falar, esse é mais um pedido e um desabafo. Muito obrigada a todos. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, Maria.

Eu vou passar a palavra para a Iara, que é moradora do Jardim Gaivotas.

A SRA. IARA – Boa noite.

O meu nome é Iara, moro no Jardim Gaivotas e sou segurança numa unidade de saúde. Sei muito bem o que acontece lá – muita falta de medicamento mesmo.

E o que eu quero colocar em pauta é a falta de remédio, que é algo que deixa o paciente totalmente descompensado, descontrolado – não é só dipirona, é dipirona, amoxicilina, respiridona, que é um remédio para pessoas que têm esquizofrenia.

Então, o que eu quero saber é isso: o que vai ser feito referente a medicamentos; referente a essas agressões às crianças, do jeito que elas estão; o que vai ser feito dentro das escolas para poder ajudar, sinalizar, para a gente poder perceber um pouquinho antes de acontecerem as tragédias, para acabar com as tragédias nas comunidades. Isso está acontecendo muito. As crianças têm medo de ir para a escola, isso não é legal. Então eu quero saber referente à segurança e referente ao que vai ser feito pelas crianças.

E mais, o que será feito pelo pessoal que mora nas áreas de ocupação, porque a maioria da nossa área é ocupação e eles precisam de atenção sim. Ninguém mora em ocupação porque quer. Mora porque precisa e eles precisam também ser assistidos. Eles precisam sair daquela cena, entendeu, e melhorar a vida deles.

Era só isso, gente. Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Vou passar a palavra, agora, para o Marcelo Costa, professor da EJA, da rede municipal, e depois à Érica.

O SR. MARCELO COSTA – Boa noite. Tudo bem?

São vários temas, mas vou elencar, pelo menos, alguns dentro da educação pública. Não falo só pelo CEU Navegantes, mas qualquer escola precisa de recurso humano. Para lidar com criança que tem deficiência e é garantido em lei, a gente precisa ter auxiliar de vida escolar, de professor efetivo, não contratado. O contrato temporário, de certa forma, acaba prejudicando a escola, o seu trabalho. Esse professor vem, trabalha um ano e depois é dispensado, enfim.

A Prefeitura de São Paulo tem recurso em caixa. São 80 bilhões, se não me engano, de orçamento para o ano que vem, quer dizer, é muito dinheiro. Então não tem essa desculpa de “não tem dinheiro em caixa”. Amanhã mesmo a gente vai indicar isso para a Prefeitura. O nosso salário está defasado, o plano de carreira está abandonado, dentro do magistério.

E a questão da violência, quando se fala de violência na escola, a gente tem que refazer a frase, a violência está no mundo. A escola não consegue resolver a questão da violência sozinha. A violência é um conjunto.

Essa administração abandonou o trabalho intersetorial. A gente precisa também do CRAS, do Caps bem aparelhado, da UBS com médico. Quando tem uma criança que eu identifico, por exemplo, que foi violentada; o que eu faço? Eu tenho um Conselho Tutelar no Grajaú.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. MARCELO COSTA – Dois, mas eu vou contar um, porque o outro não funcionou no ano passado. Entendeu? Vou contar um só.

Eu também fui diretor de escola também, e quando a gente encaminhar uma questão, por exemplo, eu não encontro amparo, enquanto diretor de escola. Estão aí os colegas que são diretores de escola e não conseguem. Então é importante que os equipamentos públicos tenham gente para trabalhar, de fato, e que o recurso público chegue na periferia.

Quando falaram aqui de buraco, por exemplo. É um absurdo. São Paulo é uma

cidade que tem recurso e por que só a periferia tem buraco? Por que só a escola da periferia sofrendo violência? É uma questão que a gente tem que trabalhar em vários aspectos. A questão intersetorial, ter um médico da família, ter uma aproximação mais com as escolas, com o trabalho da assistente social, quer dizer, um trabalho que é feito no conjunto e não um trabalho único.

Aqui no CEU, nós fizemos, no ano passado, uma audiência pública com as crianças. No ano passado, a gente meio que reuniu as crianças e fez uma audiência. Elas apontaram, por exemplo, a questão da mobilidade. Precisa de uma rampa, porque o elevador está sempre quebrado. Então, quer dizer, é acessibilidade também. A pessoa com deficiência não consegue acessar o equipamento. É um conjunto de coisas que é possível ser feito, com recurso público que está aí, mas que, de certa forma, não está chegando. E não está chegando, por quê? É importante também termos respostas a respeito disso.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, professor.

Agora eu vou passar para a Érica, do Icaraí, e depois, já prepara, a Edenice.

A SRA. ÉRICA – Olá. Boa noite, gente. Vou aproveitar o gancho do professor, quando ele falou de trazer melhoria para as escolas, falando sobre crianças especiais. Eu tenho um filho especial. Ele é autista. Então eu quero saber qual vai ser a melhoria, porque existe uma lei que fala que as crianças têm direito a ter um ATE na escola e as mães têm que lutar na Justiça para eles terem esse direito. Você tem o direito de ter uma ATE e uma professora, auxiliar de classe, mas para você ter essa professora auxiliar de classe tem que entrar na Justiça. Eu acho isso um absurdo.

O meu filho tem seis anos. Existe uma lei também, que foi criada, dizendo que uma criança que nasce até 31 de março tem que ir para o 1º ano. Ela é uma criança, tem cinco anos, ela vai para o 1º ano, hoje, com cinco anos. Ela ainda é dependente de alguém para ajudar. Eles falam dessa forma: “a gente tem que desmamar as crianças”. Quando uma criança sai da creche e vai para uma escola, ela ainda tem manias, precisa de auxílio para ir ao banheiro, auxílio para comer, precisa disso. O meu filho não fala, está aprendendo a falar agora. Mas você tem que

ensinar ao seu filho a realidade e ela é nua e crua. Você tem que deixar ele se virar. Como uma criança que não fala, sendo especial, vai ter um auxílio, se a escola não oferece? Mas o estado tem.

O meu filho foi selecionado em novembro do ano passado, até agora não chegou a ATE na escola. A direção da escola disse que a parte deles já fizeram. Que parte é essa? Eu tive que ficar, há dois meses, estudando com o meu filho. Eu tenho mais dois filhos que dependem de mim. Como que eu vou trabalhar? Como que eu vou caminhar a minha vida se o estado não oferece nada para mim? Nem para mim nem para outras mães que necessitam. O que o estado vai me oferecer, se existe uma lei?

Qual a diferença do estado para uma escola municipal? Por que a escola municipal tem melhoria para uma criança que é especial? Por que ela é acolhida e por que o estado não aceita? Por que o estado não faz da mesma forma? Eu estou revoltada com o estado, porque ele tinha que oferecer da mesma forma que a municipal, mas não oferece. A mãe que tem filho especial sofre. Ela sofre não só na escola, ela sofre numa UBS, porque ela precisa de uma consulta e não consegue.

Eu tenho uma demanda, hoje, de uma mãe que está desde o mês oito lutando para ter um neuro. E ele não é laudado, está no 1º ano e ela não consegue ajudar o filho dela, por quê? Porque não tem médicos ou não tem verba? O que está precisando? A gente sair na rua, gritar e pedir ajuda? Eu acho que nós somos seres humanos. Nós precisamos ser ouvidos sim. O estado tem suporte para nos ajudar, sim, mas nós também temos que trabalhar e a escola tem que ter psicólogo.

Nós estamos vivendo hoje uma onda que está tendo, e a escola me disse dessa forma: “a gente está tentando trazer um psicólogo para a escola. Vamos fazer uma palestra, porque eu não estou preparada para lidar com o seu filho”. Meu filho é o quê? Ele é uma criança e ele não tem maldade. Nós todos que estamos aqui sabemos o que é certo e o que é errado, ele não. Ele vê o mundo diferente de todos que estão aqui.

Às vezes, quando estamos num lugar, o olhar do ser humano machuca uma mãe,

que tem um filho especial. E quando ele tem uma crise, a primeira coisa que faz sofrer a mãe de um autista é quando alguém olha diferente para ela. Antes de você olhar para qualquer criança que está tendo uma crise, olha diferente, olha como uma mãe, se coloca no lugar dela, porque ela não queria estar ali naquele momento. Ela queria poder ajudar o filho, mas o olhar do próximo mata.

Eu queria saber o que o estado tem para oferecer para a gente. Falar de buraco na rua, tem tantos. Vamos falar o que você tem a oferecer para essas crianças hoje que estão crescendo numa sociedade que não tem nada. O meu filho, que está no 7º ano, teve cinco aulas vagas, eu tive que buscá-lo. Por que o estado não pode ter verba para colocar professor, que é temporário? Teve várias vagas abertas, agora, para poder ter isso na escola, mas não tem, não foi contratado. E por que não foi contratado? Mas não abriram? Por que que não contratou? Teve as mães guardiãs, não foi contrada. Se você for nas escolas, se você passar nos lugares, vai ver: Precisamos de médico. Precisamos de ajuda psicológica. Precisamos ser olhados como ser humano.

Todos nós temos direito e o nosso direito é lutar pelo nosso direito.

Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Maravilhosa. Gente, lembrando para quem quiser que ainda estão abertas as inscrições, é só inscrever aqui. E vamos que vamos, vamos embora. Este espaço é para ouvir vocês.

Agora eu vou passar para a Edenice, aluna da EJA do CEU Três Lagos; depois, já se prepare o Cássio.

Gente, vamos se inscrever, que a gente está aqui para ouvir.

A SRA. EDENICE – Boa noite, todos. Não sou muito boa para falar, vou falar pouco.

Eu estou há muito tempo procurando fazer uma faixa lá na Avenida – eu falo avenida, mas o pessoal fala estrada - do Schmidt, da Marlene Adua Fortunato, meus filhos estudam lá. E aumentaram muito a população lá e os carros estão passando sem limite, então tem que ter aquela... aquela... como é que fala, meu Deus?

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. EDENICE – Não, não quero lombada, eu quero uma faixa de pedestre ou então um farol lá para as crianças, para ter mais segurança.

E faço juízo à palavra da Cida, que eu também estou com o filho, tem três anos que estou passando lá na Casa do Adolescente e ele estava com a neuro, a neuro dele teve AVC e estou na fila até agora e não consegui nada. Não sei se meu filho é autista, estou tentando investigar. Ele não sabe ler, só está passando de série, passando série. Ele tem 13 anos, está na sexta série e não sabe nada, nadinha. Eu acho isso tudo errado.

Só isso que eu tenho para dizer para todos. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, Edenice.

Vou passar agora para o Cássio da Silva, do Movimento de Saúde do Fórum do Idoso do Grajaú, morador do Parque Residencial Cocaia.

Vamos pegar mais algumas inscrições. Assim que terminar essa rodada de inscrições, a gente vai voltar para a mesa, para o pessoal da Secretaria, se quiser, fazer alguma colocação e nós, vereadores, começamos a encaminhar algumas questões que vocês estão trazendo, agradecer a participação de todas, de todos. Esta audiência está sendo muito boa porque vocês estão falando.

E é isso. Agora vou passar para o Cássio.

O SR. CÁSSIO DA SILVA – Boa noite. Espero que todos estejam bem. Muito obrigado por vocês ouvirem a gente.

Eu queria falar para vocês o seguinte: a gente está aqui representando também nossos amigos do Cocaia, o Jura, o Fabinho, Seu Jerônimo, Seu Antônio. Nós viemos justamente para fazer as nossas reclamações, o que nós estamos sentindo tanto na região como no nosso bairro e o Fórum do Idoso da região.

Primeiro quero falar sobre uma preocupação que a gente tem no Fórum do Idoso. Todos nós sabemos que nós estamos envelhecendo mais, graças a Deus nós estamos vivendo mais. Existe uma pesquisa do IBGE que daqui a sete anos, em 2030, nós vamos ser 19% da

população, no Brasil vão ser 41 milhões de idosos, pessoas com mais de 60 anos. Eu estou falando no futuro, daqui a sete anos, sendo que agora, neste momento, nos dias de hoje, nós temos na nossa região um equipamento para o idoso que chama URSI.

Essa URSI faz o serviço de especialidade. Existe uma que está situada no Jardim Cliper - muitos devem conhecer -, para atender três regiões daqui, atende Capela do Socorro, atende Parelheiros inteiro e, se bobear, acho que até o pessoal da Balsa vai ser atendido aqui. Então eu tenho muito essa preocupação que fique um dos equipamentos da saúde. É bom, não é ruim, porém não condiz com a realidade que nós vivemos, em se tratando do idoso.

Tem outros equipamentos da saúde que também trabalham com idosos. Idosos e saúde sempre andam juntos. A gente vai ficando mais velho, vai precisando da saúde e a gente vê que os equipamentos públicos não estão acompanhando na mesma velocidade. Tem outros equipamentos que também são muito bons e também só tem um ou dois na nossa região, muito pouco, que trata só do idoso.

A AMPI, que aqui de 60 anos que a AMPI, que já está na lei há uns dias, que a UBS chamou? Quase nenhum aqui, tenho quase certeza. Para fazer o exame. Então se fala muito em poder público, mas está fazendo muito pouco. Os equipamentos que tem aí, os outros equipamentos que tem e que são bons atendem simplesmente 30 pessoas, 30 idosos, não atendem mais de 30. Eu tenho certeza de que todo mundo aqui conhece um idoso que está precisando de um tratamento médico, está precisando de um equipamento público e não está tendo. Eu endosso as pessoas que falaram, que estão reclamando do negócio da saúde, é verdadeiro, viu.

Eu queria emendar com o Fabinho, meu colega também do Fórum de Saúde, pediu que eu falasse e é verdadeiro, para vocês prestarem atenção no 156. Sabe por quê? Alguns já devem ter ligado 156 aqui. Você reclama no 156, às vezes eles falam coisas que não convencem a gente. Eles explicam, mas não resolve, então acho que precisa ser olhado com mais carinho.

De saúde também, em especial, eu queria falar do bairro onde eu moro, do Parque Residencial Cocaia. Lá nós temos uma UBS, tem dez equipes de trabalho lá, um banheiro para

os funcionários usarem. Se der uma disenteria em duas pessoas, eu não sei como é que eles fazem. Isso é injusto. A sala nossa que a gente tem lá parece do tamanho de um banheiro, então não dá.

A gente tem que agradecer aos profissionais que vão lá. Eu não faço crítica, porque eles estão se esforçando para fazer as coisas. Mas hoje nós precisamos, urgente, já passou da hora de a gente ter uma UBS decente. Acho que o povo lá merece. O povo cresceu, Gaivotas cresceu, ali nosso vizinho, Cantinho do Céu cresceu, mas cadê os equipamentos? Então são essas coisas.

E nas especialidades também nós temos um problema sério. Às vezes a pessoa fica doente aqui, o pessoal fala em negócio de regulação, fala essas coisas que não me convenceram ainda direito. A pessoa fica doente aqui na região, a pessoa tem que sair daqui, vai lá para a zona Norte, vai lá para o Campo Limpo. Eles falam que tem no Grajaú, às vezes não tem equipamento no Grajaú. A pessoa sai com o seu familiar, vai lá para a casa do chapéu, longe, não tem condições nem de ver seu parente direito.

Então eu tenho certeza de que nós estamos precisando muito do poder público e estamos precisando da gestão de vocês aí, acho que não só de vocês. Eu estou muito triste, muito chateado porque a gente é voluntário, como sei que muita gente é voluntária aqui, para fazer uma coisa, mas as respostas não vêm da maneira que a gente merece, do jeito que as pessoas... Porque na hora de trabalhar e produzir, imposto, as coisas todas caras, mas a gente não tem os equipamentos. Então está muito difícil a gente morar em periferia, está muito difícil, porque os equipamentos públicos, o dinheiro que entra, não sei se entra, não sei como é que é isso, a gente não consegue entender muito bem as coisas, mas não está chegando da maneira que nós merecemos, na nossa periferia. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Muito obrigada, Cássio.

Vou passar agora para o Jaider Garcia Pires, e aí já prepara a Ana Paula Santos, aluna da EJA do CEU Três Lagos.

Jaider, com você.

Lembrando que depois a gente vai ter uns salgadinhos, lembrando também que a gente vai ter transporte gratuito para o Terminal Grajaú, então vamos ficando, vamos falando, que o mais importante é a participação.

Vai lá, Jaider.

O SR. JAIDER GARCIA PIRES – Boa noite, pessoal. Obrigado pelo apoio. Depois de uma participação, não sei se vale a pena citar da Globo. Eu tive o privilégio, nunca imaginei de ter aquela oportunidade, nunca planejei. Como disse o Tiago Scheuer num momento lá, o repórter...

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Explica do que você participou na Globo.

O SR. JAIDER GARCIA PIRES – É sobre a construção da UBS do Jardim Reimberg. É um sonho da gente, quando a gente conhece a necessidade do povo, e vocês estudando a coisa mais profundamente. Eu sou formado na área de saúde e trabalho no transporte público, eu estou afastado da função devido a um problema de saúde que adquiri no exercício da função. Então a gente conhecendo a situação das pessoas pode expressar, através desses meios de comunicação, coisas que muitas pessoas gostariam de falar, mas às vezes ficam com receio.

A gente não fere ninguém, coloca diante dos meios de comunicação e agradece a Deus primeiro, porque foi Deus que deu habilidade ao ser humano para desenvolver meios, porque Deus está presente nas nossas situações. Por mais que a gente pense que ele está alienado, não, ele sabe o que nós vivemos e, antes de tudo, dá o canal aberto para nós também falarmos com ele. Coloca vocês nos representando, nos ajudando no que vocês podem também.

Todos nós temos nosso espaço, sabemos até onde podemos ir e o que nos é concedido para nós desenvolvermos aquilo que está nas nossas mãos. E o mais satisfatório é nos ajudarmos um ao outro, com aquilo que temos nas nossas mãos. Deus nos capacita para isso quando vê que nos dispomos, aí ele nos ajuda a desenvolver, dá habilidade e conhecimento para nós.

Depois dessa entrevista, da reportagem sobre a UBS do Jardim Reimberg, no outro dia eu vi o fato acontecer, coisa que nós já sonhávamos há muito tempo antes. Nós agradecemos

porque tem muita gente envolvida. Como eu falei, trabalham muitas pessoas em torno de uma realização. A gente agora está vendo o presentão. Eu falei: bênção que nós estamos recebendo.

Eu até citei, quando nós temos condições de ambular, a gente não sente muito as dificuldades que tem uma gestante, um idoso, uma pessoa com mobilidade reduzida, um cadeirante. Eu cheguei, inclusive, a fazer curso no Atende. Os professores colocam a gente diante de uma situação em que se vive o que uma pessoa tem de dificuldade.

Eu falei na reportagem sobre o Atende que, às vezes, transportando os deficientes físicos e o cadeirante, a gente via muitas pessoas falando que existe um processo para adquirir um veículo do Atende, na nossa porta. A gente até respeita isso. Mas quem está vivendo, como foi falado sobre crianças com necessidades especiais que vivem o dia a dia, é desgastante, descompensador você viver aquilo constantemente e ter olhares de acusação sobre você.

Às vezes, até para tirar alguém que está ocupando o local de um cadeirante você vê que tem gente que parece não está entendendo a situação da pessoa. Tanto do acompanhante quanto do deficiente físico. A gente coloca o idoso, porque ele sempre gostaria de ter as suas coisas respeitadas. A gente sabe que vai chegar lá também, se não for recolhido antes, se não falecer antes.

Então na área de saúde, na questão do deslocamento existem ônibus, dentro do Terminal Grajaú, que atendem o Jardim Castro Alves, mas não passa em frente ao AMA, à UBS. Há uma certa distância mesmo depois do desembarque para você caminhar.

Eu cito, friso essas dificuldades do cadeirante, as necessidades especiais, porque é fácil para nós caminharmos, mesmo com algum sacrifício, mas conseguimos resolver. Mas essas pessoas têm mais situações críticas, quanto mais for facilitado para elas, ficarão melhor.

Como eu estou aprendendo, há recursos para ficarem disponíveis. Eu creio que há muita gente torcendo para que isso aconteça.

Agradeço por estar bem resumidamente falando essas coisas e poder contribuir de alguma forma. Agradecer o que vocês puderem fazer por cada um de nós. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Muito obrigada pela sua presença. Passando agora para Ana Paula Santos, aluna da EJA. Fique preparado o Henrique Santos da Silva. Vá lá, Ana, mete bronca.

A SRA. ANA PAULA SANTOS – Boa noite.

Eu queria falar aqui porque tenho um problema de epilepsia, desde quatro anos. Passo longe no hospital. Ai ao invés de eles marcarem perto, eles marcam muito longe para mim. Antigamente, eu não tinha como passar em hospital porque eu não tinha condições de pagar um ônibus. Aí eu vim para estudar no EJA e agora que estou conseguindo ir para o hospital, porque, pelo Bilhete Único que consegui, estou passando no ônibus, no metrô. Meu marido também me ajuda, pega um biquinho ali um biquinho cá.

Também nesta semana, vim para o aniversário da minha professora, minha amiga quase foi assaltada na porta do colégio. Eu fiquei abismada. Falei que tinha de ter um segurança ali. Não é só dentro do colégio, a gente precisa de um segurança cá fora na hora que a gente sai da escola. Não pode ser assim, na hora que a gente sai tem que ter segurança.

Aí eu falei assim, do jeito que eu estou boca aberta, vou chegar lá na frente e vou falar que não pode. Eu agradeço a todo mundo que está aqui. A senhora também, porque eu gostei muito da senhora. A minha professora Ana Paula, que eu amo de paixão.

Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, Ana. Olhe, gente, senhora está no céu, por favor. Aqui é todo mundo você. Não tirem a minha juventude. Muito obrigada, Ana, pela sua participação.

Vou passar agora para o Henrique Santos, depois a Cristina Maria já pode se preparar, Diretora da EMEF Três Lagos. Pode falar, Henrique.

O SR. HENRIQUE SANTOS – Obrigado, boa noite a todos. Vou falar sobre uma coisa que muitos necessitam que é o transporte público.

Sou morador de um bairro que acho que poucos conhecem, o Jardim Elus, Jardim Novo Jaú e o Shangrilá. Infelizmente, para quem mora nessa região, não sei exatamente, mas o

peçoal aí diz que tem mais de 20 ônibus do Jardim Elus. Mas, na realidade, tem só um ou dois, porque demora muito. Para você ir para o Terminal Grajaú tem que pelear. Orar, rezar para chegar cedo no trabalho. Quem trabalha no centro, como eu que trabalhava no Brás, tinha de sair daqui às 4h da manhã, para bater o ponto às 7h. Muitas pessoas aqui sentem essa dificuldade.

Infelizmente, no meu ponto de vista, vejo que esses bairros estão abandonados pelo Poder Público, principalmente na área do transporte público. Já foi reclamado diversas vezes, mas nunca melhorou em nada.

Aqui próximo fica o Jardim Lucélia, lá deve ter uns 100 ônibus, porque sai um, chega outro. Mas a fila do Jardim Elus é quilométrica, porque não tem ônibus ali, principalmente na hora de pico.

Os motoristas também não têm educação, são mal-educados, quem fica de errado somos nós os passageiros que pagamos o transporte público.

Eu quero perguntar para os representantes o que pode ser feito, porque os Vereadores que estão aqui são nossos representantes e têm que cobrar. Estão recebendo ali para cobrar. A gente precisa dessa cobrança e precisa da melhoria no transporte público em São Paulo.

Obrigado. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, Henrique. Aqui a gente fala e já faz. Já está encaminhando. Quem sabe faz a hora e quem sabe faz ao vivo. Vamo que vamo.

Agora vou passar para a Cristina Maria, Diretora da EMEF Três Lagos, se puder se posicionar aqui na frente. Fabinho, do Movimento Popular de Saúde do Grajaú, já se posicione.

A SRA. CRISTINA MARIA – Boa noite.

Sou Cristina, diretora da EMEF, moradora do bairro. Moro no Novo Horizonte há 30 anos e endosso todas as reivindicações que o peçoal falou. A questão dos buracos nas ruas é uma constante. Pergunto, quem fiscaliza essas obras? Assim: consertam numa semana, na semana seguinte o buraco abre no mesmo lugar. Quando a gente sai do CEU Três Lagos, em

frente à igreja dos Mormos tem um buraco, acredito que deva ter uns 30 anos. Toda chuva, ele abre. Vemos no nosso bairro uma buraqueira só. Quem fiscaliza isso? Qual é a qualidade desse asfalto que vem para a periferia?

Outra questão é o transporte. O transporte é bem precário. Temos a Estação Varginha, que era para ser entregue em 2010, mudou para 2014 e já estamos em 2023 e essa estação não sai. Chega material, eu percebi que esse material sumiu porque fica abandonado. Chega época de eleição começa a obra. A eleição passa, a obra para e todo material vai embora. É um gasto público que percebemos que está sendo levado embora e esse gasto é do nosso salário que sai.

Enquanto professora da rede municipal há 25 anos, percebemos a precarização das nossas escolas a cada dia. A questão dos CEIs conveniados, vemos muitos CEIs conveniados sendo colocados em prédios alugados sem nenhuma condição e os CEIs diretos estão abandonados. Agora que está havendo algumas reformas. Trabalho em uma EMEI, também, como diretora e acumulo, como professora na EMEI no Jardim Mirna, um prédio alugado que não tem nenhuma estrutura. Os poucos espaços que temos, não são adequados para as crianças. Trabalhei, também, como Diretora na EMEI Caminho dos Martins, um prédio alugado, precário.

Gostaria de saber qual é essa política de privatização da educação que estamos vendo a cada dia na nossa rede e que vem prejudicando as escolas da rede direta em favor da rede conveniada?

A questão do atendimento as crianças com necessidades especiais. Temos a questão da acessibilidade nas escolas, inclusive, aqui no CEU apesar de ter elevador, passamos por várias situações, ter de pedir para os alunos ficarem em casa porque o elevador quebrou ou o aluno está aqui na escola e a gente ter um esforço muito grande para poder atender esse aluno porque o refeitório é embaixo. Se ele entrou, ele tem de sair. Muitas vezes tivemos que tirar a sala do prédio lá embaixo para deixar aqui embaixo numa sala improvisada para poder não dispensar o aluno. E a audiência pública que nós fizemos com as crianças, elas sinalizaram a

questão da rampa. Mas segundo os engenheiros não é possível construir essa rampa. Então que faça um elevador mais eficiente, ou outro elevador. No caso de um quebrar tem outro.

Atendimento as crianças. Fazemos na medida do possível, procurando garantir a qualidade, mas falta pessoal para estar auxiliando. Temos as AVEs, mas estagiárias são poucas. E a questão dos professores também. Temos uma defasagem grande de professores. Estamos com professores contratados, mas mesmo assim não temos CJ.

Temos a questão do Integral. Escola que temos, obrigatoriamente, atender no CEU e que a gente fica sem ter espaços diferenciados. Então a gente faz uma escola integral, mas os recursos, os espaços não temos. Na gestão temos algumas salas que são cedidas para nós, mas tem outros projetos que são desenvolvidos aqui e temos de competir com os projetos e atendimento a comunidade.

Outra questão que foi levantada, inclusive, pelo pessoal da audiência pública, já tem um projeto de lei que foi votado, a questão do parque do CEU Três Lagos, que seria uma opção de lazer para os nossos jovens. Está no papel, mas não tem nenhuma atenção a esse parque aqui ao lado. Podem perceber que toda a grade, fora a fora, foi levada embora. Está tudo aberto. Tem gente que está usando o parque para criação de animais. Era uma área de preservação. Antigamente, eu trabalho aqui desde 2008, víamos vários animais que ocupando o parque. Iguana, lagartos, tucanos e percebemos que estão sumindo, porque esse parque está sendo, cada vez mais, abandonado e destruído. É isso. Muito obrigada! (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Muito obrigada Professora Cristina.

Próximo inscrito, Fabinho do Grajaú, do Movimento Popular de Saúde. Em seguida, Sra. Valeria Fatima e a Sra. Fátima dos Santos.

Acredito que ainda tenha algumas inscrições. Quem quiser se inscrever, se inscreva nas próximas falas. Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Vamos ouvir todos e encaminhando para o encerramento. Depois voltamos à Mesa, para a fala das secretarias, do Vereador e a minha fala de fechamento. Inscrevam-se nas próximas falas.

O SR. FABIO SOUZA CARVALHO – Boa noite a todos os presentes.

Meu nome é Fabio Souza Carvalho, sou conhecido na região como Fabinho. Quem me conhece sabe da dificuldade que tenho de falar em microfone, mas diante de todo o exposto não tem como não se manifestar. Estamos numa comissão de Educação e Cultura e como sou representante da saúde, vi todos clamando por saúde. Fico indignado, numa noite como essa, falando sobre educação e cultura.

Quero saudar a Mesa, em nome dos vereadores e secretários, e fazer uma pergunta: não foi efetivado o convite para algum membro do conselho tutelar? Mediante o exposto de vocês, onde está o conselho tutelar da região? Vocês conhecem os conselheiros da região? Na região, temos quatro conselhos: conselho do Grajaú-1, Grajau-2, Parelheiros e Capela do Socorro. Em uma situação como essa, uma audiência pública não ter a presença de um conselheiro? É indignante.

Eu, como representante, faço parte do Conselho Gestor de Saúde, da Supervisão Técnica da Capela do Socorro, represento a Pasta da Criança e do Adolescente, vi o clamor das mães. O clamor da educação pedindo por saúde. Como foi exposto aqui, não é segredo para ninguém. Nossa saúde está defasada. Pergunto aos membros da mesa. O que estão fazendo e podem fazer referente à saúde? O 156, como foi colocado, não funciona. Nós ligamos no 156, pedimos para falar, com papagaio, periquito, blá-blá-blá, musiquinha, não nos atendem e quando conseguimos a devolutiva não tem. Então, eu gostaria mais uma vez de citar a questão do 156.

O Agenda Fácil, quem aqui de vocês faz uso do Agenda Fácil? Funciona? Mas é o que se pede nas UBSs, que vocês façam os agendamentos de vocês pelo Agenda Fácil.

As crianças que estão clamando, as mães que estão clamando por atendimento, as crianças especiais e aquelas que não são especiais, funciona para vocês? Não. Mas existe um meio legal que é o Conselho Tutelar, que deveria atender essas demandas, deveria acolher vocês nesses pedidos. Cadê um membro do Conselho Tutelar nessa Mesa?

Eu não posso aqui acusar o Conselho Tutelar de ausência porque eu não sei como foi feito o convite, mas eu vejo que está faltando aqui e seriam eles que deveriam responder essas perguntas que estão sendo feitas. Cadê o Secretário de Saúde? Lembrando, a Comissão

é de Educação, Cultura e Esportes, mas o clamor aqui foi pela saúde. Eu, como representante da saúde, não poderia me calar. Com toda dificuldade, eu estou aqui num tremor grande, porque eu não falo em microfone. Quem me conhece sabe que eu tenho uma dificuldade imensa.

Por último, eu queria acrescentar para vocês que pediram a situação das crianças, nós temos o Fórum da Criança e do Adolescente no nosso bairro. Ele é itinerante. No próximo dia 13/05, próximo sábado, vai acontecer na Rua João Batista Barroso Filho, fica no Grajaú, próximo à Igreja Católica do Grajaú, próximo à Feira de Domingo. Então, se vocês têm essas reclamações, carências de vocês, participem, porque se tudo isso que está acontecendo, se a Prefeitura está sucateando nossos órgãos, a culpa é nossa. A culpa é minha e é de vocês, porque esse é o momento. A Vereadora está falando: se manifestem, falem, não deixem para depois o que vocês podem fazer hoje. Então, a culpa é nossa, se a gente não se manifestar, se a gente não procurar os órgãos certos, não adianta ficar reclamando no sofá da casa, não adianta ficar falando que a televisão “a”, “b” ou “c” está errada, é sensacionalista. Nós temos que fazer a nossa parte, a nossa parte é defender os nossos direitos.

Quem de vocês conhece o ECA? Esse aqui é o ECA, para vocês que não sabem esse aqui é o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente. Aqui, no artigo 4º, fala que é dever da família, mas também fala que é da sociedade. O artigo 18 diz que é dever de todos zelar pelos direitos das crianças. Então quando eu estou sentado ali do outro lado e vejo vocês clamando pelo direito dos seus filhos, é um direito meu sim participar, é um direito quebrar a minha barreira e estar falando aqui para vocês. É uma barreira, mas eu estou quebrando para dizer que eu estou com vocês, me coloco à disposição de todos vocês.

Sem mais, não quero me alongar.

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, Fabinho. O Fabinho, inclusive, trouxe uns exemplares do ECA e vamos distribuir, já vai entregando. Vocês vêm e ainda ganham coisas. Muito importante.

São mais cinco inscrições, estamos terminando as falas de vocês. Tem a palavra a Sra. Valéria.

A SRA. VALÉRIA – Boa noite, gente.

Meu nome é Valéria e eu venho aqui para falar sobre um acontecimento meu mesmo de saúde. No caso, eu tenho uma placa na perna faz cinco anos e eu não consigo a cirurgia, está aberto. Cinco anos, não são dois meses, um ano. E eu sofro com isso, muito, porque para andar, para trabalhar, não estou conseguindo fazer isso.

Então, a minha maior dificuldade no momento é essa. Questão de trabalho eu não consigo porque incha, ficar em pé muito tempo ela incha, correr eu não posso mais. Então toda essa questão, tento evitar ao máximo ficar com saia, vestido, shorts, sempre de calça, ninguém vai me ver de shorts.

É isso, eu tenho essa placa e não consigo fazer mais nada. Meus filhos, às vezes, para levar para escola de manhã, minha perna fica inchada, sinto muita dor, já gastei muito dinheiro com remédios, muito, não foi pouco. Meu irmão tinha que sair de casa, tinha que mandar alguém, minha mãe mandava alguém para ir para minha casa levar remédio para mim, porque eu não estava indo no posto, não estava conseguindo. Então, não está sendo fácil.

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, Valéria. Vou dizer que a sua luta é a luta de todos nós e que a gente precisa de fato garantir o acesso à saúde. É um direito, e obrigada por você ter se colocado aqui. Tem toda a minha solidariedade.

Tem a palavra a Sra. Fátima dos Santos, moradora do Jardim Belcito.

A SRA. FÁTIMA DOS SANTOS – Boa noite a todos.

Eu sou moradora do Jardim Belcito, eu não sei falar direito, mas vocês entendem, sou estudante do CEU. Gostaria de falar um pouco da segurança. Saímos daqui às 22h40 da noite e o ponto aqui é muito esquisito, a maioria do pessoal vai embora a pé, porque a perua passa às 22h20. Saímos às 22h40, quando a gente chega, a perua demora demais, então, só eu, a Ângela e a Maria José, não dá para ficar sozinha no ponto.

Na terça-feira, a nossa amiga Sara, passaram dois caras de moto e quase assaltaram ela. Ela voltou correndo, tanto que ela jogou o celular em cima da Ângela e a Ângela quase enlouqueceu, falou: “ai, meu Deus”. Então, eles não voltaram porque não estavam

armados, porque se eles tivessem com arma, com certeza teriam voltado. Eu peço que tenha mais um pouco de segurança para a gente, não só para a gente, mas para a sociedade toda, porque estamos lutando. A gente quer estudar, mas fica muito perigoso, se torna perigoso, porque aqui esse ponto é só pela misericórdia do Senhor.

Gostaria também de falar do meu bairro, que não tem CEP. Gostaria de saber o que que a gente pode fazer para a gente conseguir o CEP.

E é tudo. Agradeço a oportunidade.

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Muito obrigada, Fátima.

Agora eu vou passar para a Sra. Rose Ribeiro.

A SRA. ROSE RIBEIRO – Boa noite a todos e a todas.

Gostaria de saudar a Mesa. É difícil eu falar em público, é a minha primeira experiência, então, se eu me exaltar, eu peço desculpas.

Eu gostaria de fazer uma pergunta: alguém aqui conhece a UBS Shangrilá Jardim Três Lagos? Conhecem? Vocês conhecem a estrada do Jequirituba, que dá acesso à UBS? É extremamente desrespeitoso o local, o acesso é inviável, é super desagradável para as pessoas que precisam da UBS. Não tem transporte público que chegue até a UBS. As pessoas têm muita dificuldade. Um cadeirante não consegue passar. As mães que levam as suas crianças na UBS têm que levar no colo. Isso quando dá, quando não há chuva, porque não tem pavimentação, não tem saneamento.

Então, eu gostaria de pedir para vocês que se atentassem à UBS, ao transporte e ao saneamento. Fala-se tanto. Ninguém aqui falou da dengue. Então, lá o esgoto é a céu aberto. Estamos a quilômetros ali de distância da UBS. Os agentes de saúde veem a nossa porta, batem na nossa porta para perguntar sobre o saneamento, para falar sobre a dengue, mas a dengue está ali, entendeu?

É uma vergonha, é uma vergonha. Então, assim, a população que precisa da UBS pede socorro, clama por socorro. Então, eu peço encarecidamente que vocês ajudem essa população. Eu tenho “n” coisas aqui para falar, só que é assim: muitas pessoas já falaram e para

não prorrogar muito, a minha fala é essa.

Então, nós, do Shangrilá, do Jardim Noronha, pedimos socorro e se atentem para a UBS Shangrilá/Ellus. Lá é conhecido Shangrila/Ellus.

Obrigada e desculpe.

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada.

Tem a palavra o Sr. Abraão.

O SR. ABRAÃO – Sou o Abraão. Gostaria de saudar a todos que estão aqui presentes, os Vereadores e demais presentes da Comissão de Educação, Cultura e Esportes.

Vim aqui para poder falar um pouco a respeito do transporte público. Dizem que é transporte público, mas nós pagamos. Se nós pagamos, nós temos o direito de cobrar.

E a respeito do transporte público, gostaria de saber o porquê de tanta demora, principalmente nos fins de semana, das peruas em passar no bairro, porque eu tive que sair agora de um emprego em Higienópolis devido a essa questão. Para que eu pudesse chegar às 6 horas da manhã lá, eu teria que estar acordando, mais ou menos, no fim de semana, três e meia, três e quarenta da manhã, para poder conseguir chegar às seis horas. Houve essa necessidade, de eu sair e, ao mesmo tempo, também cobrar a respeito do transporte depois da meia-noite, porque nós, que somos funcionários de restaurante, sabemos que há um horário para o restaurante fechar, mas nós, que somos funcionários, não saímos naquele horário em que o restaurante fecha. E aí, a gente que mora aqui no Grajaú? Como é que faz para chegar aqui?

Outra questão é a respeito da saúde, que tanto se falou aqui. Eu moro aqui hoje há uns sete meses. Fui conseguir ver o agente de saúde porque ele estava na casa da vizinha, e aí minha esposa o chamou. Ou seja, em sete meses, nunca vi o agente de saúde.

Só para deixar como referência, é na Rua Diamantina. Ao mesmo tempo, gostaria também de cobrar, dentro do tema saúde, a respeito da demanda para poder conseguir passar em consulta. Jesus, é difícil. Se há um programa de prevenção, como é que você vai se prevenir, se você consegue passar pela consulta só depois de três ou quatro meses? Aí você vai chegar

lá já de ambulância. Correto?

Domingo, há um mês, levei a nossa criança com febre, dor de cabeça e diarreia e o médico não teve coragem de colocar o aparelho no menino. Passou o mesmo remédio que eu já havia dado em casa. Eu sou médico? Minha esposa é médica? Fica difícil para a gente.

Quanto à questão de flexibilidade, hoje a gente só tem, como referência, para poder conseguir o transporte público, a Belmiro. O que vocês visam futuramente a respeito da flexibilidade? Colocaram trem. Com o metrô, se gasta a mesma hora, fora o desconforto.

Não vou prolongar muito. Só gostaria de agradecer a oportunidade. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, Abraão.

Antes de passar a palavra para a próxima inscrita, eu gostaria de dizer que todos vocês estão de parabéns. Estou muito feliz de estar com vocês.

Tem a palavra a Érica.

A SRA. ÉRICA – Pessoal, eu voltei para falar de outras demandas, porque anteriormente eu falei do meu filho. Eu gostaria de falar agora sobre a UBS Icaraí, que, segundo disseram no ano passado, virou uma UPA e iam fazer uma UBS em outro lugar. A obra já ficou pronta, mas a UBS ainda não mudou de lugar.

Outro assunto que eu queria falar é sobre o Pronto-Socorro Balneário, um lugar muito difícil de chegar. Também era para ter uma obra há muito tempo, mas ela ainda não foi realizada. É de difícil acesso; tem um ônibus que sai do Terminal Varginha, só que ele passa só de hora em hora. Essa unidade tem capacidade para ser de grande porte, porque é muito procurado, só que o serviço dela é bem escasso.

Dito isso, eu gostaria de saber se poderia acontecer uma visita para avaliar o Pronto Socorro Balneário e se poderiam ser feitas melhoras na UBS Icaraí, porque a obra já está pronta, mas a unidade não mudou de lugar, além da demora grande para se conseguir uma consulta.

O último assunto é sobre uma rua, que faz um mês que a Sabesp ou a Prefeitura, não sei dizer, quebrou e, desde então, os moradores não conseguem mais passar por ela.

Falando agora sobre esporte e cultura, tema desta audiência pública, a comunidade

do Jardim Icarai, onde eu moro, não tem nada de esporte ou cultura. Lá não tem praça, não tem futebol ou qualquer lazer para oferecer para as crianças.

Eu gostaria de saber o que poderia ser levado para a nossa comunidade em relação ao lazer e ao esporte também. Lá tinha um projeto, mas a Prefeitura fala que é particular, e a escola fala que é da Prefeitura. Então, eu gostaria de saber o que poderia ser feito para melhorar isso.

Obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, Érica.

Antes de passar para a próxima inscrita, quero agradecer a todos a fala e a contribuição. Na minha opinião, esta audiência, que conta com a participação popular, está sendo muito produtiva.

Tem a palavra a Adelina Santos da Silva, aluna da EJA.

A SRA. ADELINA SANTOS DA SILVA – Boa noite a todos vocês.

Eu represento o Condomínio Residencial Mendonza, no Jardim Belcito, e gostaria de reclamar da falta de ônibus. Eu tenho uma filha que enfrenta um câncer e ela tem que sair às três e pouco, quatro da manhã para poder passar em consulta no centro da cidade. É uma dificuldade muito grande e tem muita gente de idade, como eu, que precisa passar em médico e, por isso, nós necessitamos de ônibus. É muito triste gente de idade que não consegue ir ao médico por falta de ônibus, sendo que essas pessoas esperam muito, de três a quatro meses, por uma consulta na UBS Três Corações.

Peço a vocês que ajudem as pessoas de idade, porque nós precisamos muito. É só isso que eu peço.

Muito obrigada. (Palmas)

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada, Adelina.

Agora eu vou passar a palavra aos representantes das Secretarias. Primeiramente, ao representante da Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras, Sr. Luiz Rebouças, a quem agradeço a presença.

O SR. LUIZ REBOUÇAS DE CARVALHO JUNIOR – Boa noite e a todos e a todas.

Sou engenheiro da Prefeitura há mais de 20 anos e, por acaso, eu tenho uma chácara aqui em Parelheiros desde 1986. Por isso, eu frequento esta região desde aquela época, e as dificuldades parecem que têm até aumentado. O governo tem feito bastantes coisas, mas tem muito mais coisas a fazer, porque é possível tudo isso.

Quero dar os parabéns ao Vereador Celso e à Vereadora Luna pela brilhante ideia de atuar nesta área, que é uma área muito sofrida e, pelo jeito, também como conhecedores da região. Isso é importante, porque não adianta nada trazer uma pessoa lá de Sapopemba para cá. Como dizia minha avó, de boa intenção o inferno está cheio.

Vou levar ao Secretário Professor Marcos Monteiro e vou levar todos as demandas. Com certeza eles vão me passar, pois vi que eles estão anotando muito direitinho e vão passar para a gente.

A Secretaria de Infraestrutura Urbana é uma secretaria que trabalha com grandes obras. Então, ela cuida de pavimentação de pontilhões, pontes e está fazendo um trabalho extenso de manutenção. Então, não aparece muito. É igual reforma, a gente troca a fiação e a hidráulica da casa, às vezes, não aparece, mas ela deixa a casa funcionando. Então, essa parte é importante. Essa demanda de vocês vai ser levada.

Parabéns pela luta. Mantenham-se firme na demanda que, devagarzinho, vão conseguindo tudo, se Deus quiser. (Palmas).

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada.

Foi falado da duplicação da Belmira. Realmente, a gente precisa.

Você quer fazer a fala? A gente estava encerrando, mas a gente permite, sim, a sua fala.

O SR. FRANCINE ALMEIDA DANTAS – Sou Francine Almeida Dantas. Meu bairro é Porto Velho e lá a gente tem carência de UBS e de praças para lazer também, porque não tem. Existe um grêmio, mas infelizmente as crianças carentes não são beneficiadas e não temos mais um lugar seguro para criança soltar pipa, para jogar bola, para fazer uma recreação sem custo.

E nós temos uma área assim lá. É o que nós precisamos já de cara.

Obrigada. (Palmas).

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada.

Depois, na minha fala, eu conto algumas histórias do Porto Velho, que até obra eu já fiz lá. Peguei a mão na massa.

Agora, vou passar aqui para o Sr. Ricardo Airut Pradas, da Secretaria Municipal de Mobilidade e Trânsito, para fazer o uso da fala. Obrigada pela sua presença, Ricardo.

O SR. RICARDO AIRUT PRADAS – Obrigado, Luna. Boa noite a todos.

Parabéns a todos por estarem presentes no dia de semana. Todo mundo amanhã cedo estará no batente, como nós também. É importante essa participação. Sem isso a gente não consegue muita coisa.

Vou deixar já registrado que eu peguei com o Henrique o número da linha para ver se a gente já aumenta a periodicidade de linha e mandar para frente. (Palmas). Vamos encaminhar.

Foi pedida a faixa de pedestre na frente da escola Marlene Adua. Também já está anotado e a gente vai encaminhar isso. São decisões práticas que a gente tira desse tipo de reunião.

Mas eu queria - até por ter lugar de fala - falar para Érica. Érica, eu sou pai de autista. O que quero dizer é que tem um pote no final do arco-íris. Ele está com 30 anos e tem um pote no final do arco-íris. Essa fase é estressante para gente, mas tenha fé que vai dar certo.

É isso, gente. Boa noite. (Palmas).

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada.

Agora, vou passar ao Vereador Celso Giannazi para fazer o uso da palavra.

Agradeço, novamente, a presença das secretarias. É muito importante se deslocarem até aqui para ouvir o povo. Como vocês viram, já com encaminhamentos, porque a participação social efetiva a democracia, efetiva os direitos e melhora a nossa sociedade.

Vou passar, agora, para o Vereador Celso que está dividindo esta audiência comigo

e agradecer também sua presença.

O SR. CELSO GIANNAZI – Então, vocês viram o que está aqui. O Ricardo acabou de comprovar para nós o quão é importante esta audiência pública no território. E, de fato, aconteceu. Cada demanda..., a maioria das demandas que competem à Secretaria que ele representa, ele estava aqui anotando, chamando as pessoas para algumas, já resolver.

Então, é fundamental, é muito importante que as audiências públicas da revisão do Plano Diretor sejam realizadas no território. Nós queríamos – eu e a Luna Zarattini -, nós brigamos para que tivéssemos uma audiência pública por subdistrito. Nós temos 96 subdistritos na cidade de São Paulo. E nós brigamos por isso. Não conseguimos ainda, mas conseguimos trazer aqui para o território, com muita luta, né, Luna. Houve resistência na Câmara Municipal, mas nós conseguimos trazer, porque é aqui que vamos ouvir as pessoas que vivem os problemas daqui da região.

Então, muitos problemas foram trazidos. O que o Professor Marcelo colocou é importantíssimo, de vermos este espaço onde estamos, no CEU. É inadmissível que tenhamos, na cidade de São Paulo, a maior cidade da América Latina, a maior cidade do Brasil... Alguém perguntou aqui se tinha dinheiro: tem muito dinheiro. Tem mais de cem bilhões de reais. Nós não conseguimos nem saber o que é isso, mas tem, tem muito dinheiro, e não dá para uma escola pública, um equipamento público não ter acessibilidade, as crianças com deficiência não poderem frequentar um espaço público. Não saberem se poderão, um dia, ir para a escola ou não porque o elevador quebrou. Nós temos situações, na cidade de São Paulo, inadmissíveis. Temos o CEU Perus que passa por uma situação que é vergonhosa: o elevador está quebrado. As crianças com deficiência, no CEU Perus, não podem... Aliás, o Prefeito transferiu todas as crianças com deficiência, porque ele não consegue consertar um elevador há quatro anos. Então, as crianças foram transferidas para bem longe de suas casas. Em outras escolas, é necessário fazer revezamento, porque não conseguem atender as crianças com deficiência. Então, não tem o ATE – que cuida das crianças -, tem um estagiário. E a Prefeitura tem dinheiro.

Então, nós temos muitos problemas. Nós temos problemas aqui, que vocês

levantaram, da duplicação da Belmira Marin, da construção de UBS, de faixas. Várias demandas foram colocadas por vocês e todas elas foram anotadas por nós: a Luna anotou muitas e eu também anotei muitas -, mas todas elas estão gravadas. A TV Câmara São Paulo está transmitindo ao vivo. Todas as demandas, que vocês trouxeram, ficaram gravadas, estão gravadas e nós vamos repercutir isso na revisão do Plano Diretor, colocar para a revisão do Plano Diretor.

Então, é fundamental que vocês participem e participem com atuação cidadã e, aí, por isso que brigamos muito lá para que tenhamos uma educação muito forte na cidade de São Paulo. Digo isso porque só através da educação, desse fortalecimento, é que vocês conseguirão adquirir conhecimento, exercer a cidadania. Hoje, o que vocês estão fazendo aqui é um grande exercício de cidadania. Estão trazendo os problemas. O pessoal aqui do Cocaia, estou vendo o Jura. O Cássio colocou aqui problemas importantíssimos da região do Cocaia. Nós temos imóveis aqui, na região do Cocaia, que brigamos muito para fazer a regularização dos imóveis, que até hoje eles não têm. Eles tiveram muitas lutas aqui, a luta pela habitação popular, que tem de vir para cá, para esta região. Então, são muitas. Se ficarmos aqui falando, ficaremos até amanhã de manhã, e não vamos terminar. Mas, quero dizer a vocês que todos estão de parabéns. Agradeço a presença de todas e todos, e podem contar conosco, porque vamos fazer essa luta. Vamos colocar essas demandas, que vocês trouxeram aqui, nesta noite, para dentro do Plano Diretor. Vamos brigar muito para isso, e vamos cobrar também dos Vereadores e Vereadoras desta região, que são daqui, que conhecem o problema e não podem virar as costas para a população. (Palmas)

Alguém falou – a Luna Zarattini está aqui e eu estou aqui -, e é verdade: nós somos obrigados a fazer isso. Nós somos obrigados, porque nós estamos recebendo dinheiro público para representar a população. E quem não faz isso não merece estar sentado em uma cadeira, na Câmara Municipal, representando o povo.

Então, é fundamental que se faça isso e que se cobre as pessoas. Parabéns, e podem contar conosco.

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Obrigada. Uma salva de palmas. (Palmas)

Obrigada, Vereador Celso Giannazi, somos bons de briga, gostamos de brigar, mas gostamos das lutas certas e das lutas que vão mudar a vida do povo.

Quero, novamente, nesta fala de encerramento, agradecer ao CEU Três Lagos, a Gestora Ivani, por ter aberto as portas do CEU. As portas do céu têm de sempre estar abertas, senão vai que caímos no inferno, então não dá.

Mas agradecer de verdade todos os professores, servidores, a presença do pessoal da EJA. E contar um segredo, só estamos aqui, nesse CEU Três Lagos, porque sabemos que a EJA é muito importante. E a Maria – levanta, Maria – cochichou no meu ouvido que tínhamos que trazer para cá, porque não queremos que a EJA feche, não queremos que a EJA seja desvalorizada, queremos o fortalecimento da EJA, para que tenhamos mais pessoas tendo oportunidade de ocupar esse espaço. E de ocupar também esse espaço de fala, de cidadania, tão importante para efetivar a nossa democracia.

Quero agradecer novamente o pessoal da Câmara Municipal de São Paulo, que trabalha arduamente conosco, nossos colegas, companheiros, que organizaram toda essa transmissão. Uma transmissão que vai para 12 milhões de habitantes, e que não vai só para 12 milhões de habitantes, também vai para os 55 Vereadores, que devem assistir esta audiência para atender os pedidos da população, o que é fundamental para mudarmos a nossa cidade.

Agradecer também a presença das secretarias, que estiveram aqui anotando essas demandas e já dando soluções para vocês.

Quero saudar todos do Cocaia, Cocainha, Gaivotas, Icaraí, Porto Velho, Mirna, Shangrilá e Jardim Noronha. Foram os nomes que peguei aqui...

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. PRESIDENTE (Luna Zarattini) – Chácara do Sol, que mais? Lucélia, Eliana, então, a presença da zona Sul está ótima. Agradecer também os intérpretes de libras, estamos falando de pessoas com deficiência, essa inclusão é necessária, agradecer esse trabalho importantíssimo.

E dizer, primeiro, que vocês trouxeram tudo. E é para trazer tudo mesmo, porque a audiência é pública, é do povo. Então, foi falado de segurança; de conselho tutelar, temos as eleições em outubro, participem, somem, fiquem atentos a quem são os candidatos, cobrem também. Vocês falaram sobre a questão dos ACSs; a saúde da família; das filas das consultas, que as pessoas ficam na fila e acabam morrendo na fila sem serem atendidas, essa é uma realidade dura e triste, apesar de termos o SUS, que é um Sistema Único de Saúde, muito importante para efetivar o direito à saúde. Falamos aqui de remédios; da privatização da educação, do fechamento das salas de EJA; da falta de psicólogos, de psicoterapeutas, que devem trabalhar junto com a questão pedagógica, para que de fato tenhamos essa garantia.

Mas quero falar de algumas coisas que me chamam bastante a atenção, por exemplo, a questão das ocupações, dos despejos e das reintegrações de posse. É preciso moradia na nossa cidade e sabemos que essa é uma demanda muito grande na cidade de São Paulo. Como o Vereador Celso Giannazi falou, temos o maior orçamento, a cidade mais rica do nosso país, porém a cidade mais desigual. E a questão da moradia é algo que temos batido na tecla. Uma proposta que vamos ter para o Plano Diretor, o nosso mandato, é que toda vez que tenha alguma reintegração de posse, toda vez que tenha algum despejo, que a Prefeitura tenha a política da chave a chave. Então, se vai tirar alguém, se vai tirar de uma casa, que coloque em outra casa. E é preciso apoio popular para conseguirmos essa emenda no Plano Diretor.

Outra proposta é o reajuste do auxílio-aluguel. Falam aluguel, mas, gente, dá para fazer alguma coisa nesta cidade com R\$ 400,00? Esse reajuste está demorando para vir, e a gente precisa que seja reajustado para, no mínimo, R\$ 800,00 esse auxílio-aluguel. Então, a gente também vai propor esse reajuste importante.

Outro ponto que aqui foi falado é sobre os buracos, que realmente a gente precisa tapar esses buracos. O Prefeito mandou para a Câmara um projeto que mudava, por exemplo, o Fundurb, que é o fundo para mobilidade e para habitação social. Ele quis que os Vereadores votassem para tirar dinheiro da habitação e da mobilidade para colocar em pavimentação, em tapa-buraco. Tudo bem, a gente sabe que é preciso tapar buraco, mas não precisa tirar da

moradia nem da mobilidade. Mais do que isso, se fosse para tapar buraco na periferia, seria uma coisa; mas sabe onde está havendo um monte de obra? Na Faria Lima, na Dr. Arnaldo, na Paulista, em Moema.

Então, a gente precisa fazer uma discussão séria para que esses investimentos, esses recursos, possam ir para a periferia, e não para quem já tem um monte de coisa. Os ricos, ninguém precisa defender. O que a gente precisa é de periferias com condições de vida, com espaços bons para morar.

É por isso que a gente está nessa luta e fizemos, o Vereador Celso e eu, essa denúncia em plenário. E é muito importante acompanhar o trabalho dos Vereadores, porque a gente trabalha, viu, muito. A gente tem um trabalho de denúncia do fechamento do Bom Prato, do que está acontecendo com os CRAS, das filas, das pessoas não estão conseguindo fazer a atualização do novo Bolsa Família. E, quando um direito não é efetivado, a gente não está garantindo o acesso a esse direito.

Quem tem que escolher os rumos da nossa cidade não são apenas quem vocês elegeram, mas também a população. E esta audiência pública só foi tão boa por conta da presença de cada um de vocês.

Agradecer as 17 pessoas que enfrentaram, vieram aqui na frente fazer a fala. A gente sabe que é difícil, eu sei que é difícil, mas vocês estão garantindo a cidadania e a melhoria não só para vocês, mas para toda a população da zona Sul. Parabéns pela participação de todos. E a gente vai encaminhar, a gente vai trabalhar. Viva a EJA, viva a educação, viva a participação popular. Obrigada.

Não havendo mais oradores inscritos e nada mais a ser discutido, declaro realizada esta audiência.

Estão encerrados os trabalhos.